



A INFLUÊNCIA ALEMÃ NA CONCEPÇÃO DE NATUREZA DE ÉLISÉE RECLUS

Carlos Henrique Amorim da Silva¹
Francisco de Assis Gonçalves Junior²
Emerson Luiz Felix Barreto³

RESUMO

Nossa dissertação tem a proposta de propor um reencontro com a Natureza via Élisée Reclus (1830-1905); construiremos uma base teórica-reflexiva dos estudos do geógrafo acerca das relações Homem-Natureza e pensaremos sua aplicabilidade no ensino de Geografia na atualidade. Isto posto, aqui exploraremos uma parte do conteúdo que temos que cumprir para alcançar nossos objetivos na dissertação. No presente artigo estaremos analisando a influência alemã em Élisée Reclus. Apesar de francês, o modo como Reclus entende a Natureza difere dos seus conterrâneos e se aproxima mais, dos estudiosos alemães. Pensando nisso exploraremos o pensamento geográfico francês predominante no século XIX; a forma como era idealizada a Natureza na Geografia alemã na virada do século XVIII para o XIX, concentrando nossa atenção em Immanuel Kant (1724-1804), Alexander von Humboldt (1769-1859) e Carl Ritter (1779-1859); por fim nos debruçamos sob alguns escritos do Reclus, que demonstram essa influência.

Palavras-chave: Élisée Reclus; Natureza; Geografia alemã

ABSTRACT

Our dissertation has a proposal of proportion a reencounter with Nature through Élisée Reclus (1830-1905); we will build a theoretical-reflective base of the geographer's studies about the Man-Nature relations and we will think about its applicability in the teaching of Geography today. Here we will explore a part of the content that we have to fulfill to reach our objectives in the dissertation. In this article we will be analyzing the German influence on Élisée Reclus. Despite being French, the way in which Reclus understands Nature differs from his countrymen and is closer to German scholars. With this in mind, we will explore the French geographical thought predominant in the 19th century; the way Nature was idealized in German Geography at the turn of the 18th to the 19th century, focusing our attention on Immanuel Kant (1724-1804), Alexander von Humboldt (1768-1859) e Carl Ritter (1779-1859); finally, we look at some writings by Reclus that demonstrate this influence.

Key-Words: Élisée Reclus; Nature; German geography

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT – Cuiabá – henriqueskate96@gmail.com;

² Docente do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT – Cuiabá – fgjufmt@gmail.com;

³ Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidad Federal de Mato Grosso – UFMT – Cuiabá – emersonlfb@gmail.com;



INTRODUÇÃO

Para escrevermos este artigo, partimos do pressuposto de que a relação entre o ser humano e a Natureza produzem as características que configuram a paisagem geográfica e essas características se transformam no tempo e no espaço. A princípio, as transformações no espaço geográfico realizadas pelo Homem, eram mínimas se levarmos em conta que o ser humano retirava da Natureza apenas o suficiente para suas necessidades básicas. Entretanto, com o passar dos séculos e com o domínio técnico, o Homem passou a manipular a Natureza com maior intensidade e isso, por sua vez, intensificou o processo de exploração dos recursos naturais. A partir do século XVI, com a profusão do método científico moderno, a noção do domínio humano sobre a Natureza chegou a um patamar até então inimaginável.

Nesse sentido, muitas áreas da ciência acabaram por organizar seus objetos de estudo a partir dessa dimensão de dominação, o que incluiu a seu modo a Geografia ao longo período moderno. No entanto, na ciência geográfica, existiram pensadores deste período que enxergavam a Natureza por uma ótica organizada para além do simples levantamento ou da descrição dos recursos naturais para o usufruto da sociedade, ou até mesmo para além de uma dimensão explicativa e física dos fenômenos comumente apartada do entendimento do Homem enquanto habitante/parte do mundo natural, ou seja, alguns pensadores conceberam seu pensamento geográfico a partir de uma compreensão voltada ao entendimento da Natureza enquanto extensão do próprio ser.

Considerando essa premissa o artigo tem o objetivo de fazer uma reflexão acerca da concepção de Natureza na Geografia de Élisée Reclus. Em seu artigo intitulado "Da ação humana sobre a Geografia Física: O Homem e a Natureza" de 1864, Reclus deixa claro logo no primeiro parágrafo introdutório os caminhos de seu entendimento sobre essa relação:

Assim como o velho Adão, modelado de argila, e como os primeiros egípcios nascidos do limo, somos filhos da terra, É dela que extraímos nossa subsistência; ela sustenta-nos com seus sucos nutritivos e fornece o ar aos nossos pulmões; do ponto de vista material, ela dá-nos "a vida, o movimento e o ser". Qualquer que seja a liberdade relativa conquistada por nossa inteligência e nossa vontade próprias, nós não deixamos de ser produto do planeta (RECLUS, 2015, p. 85).

O que buscaremos verificar com esse resgate bibliográfico são algumas das influências recebidas por Reclus na organização dessa concepção de Natureza, uma vez que no período em que o autor viveu, devido aos avanços tecnológicos, a Natureza era



cada vez mais entendida como usufruto. Então, para cumprirmos nossos objetivos, no presente artigo, analisaremos como a Natureza era entendida no país natal do Reclus, além disso, também investigaremos ideias de pensadores alemães que vieram a influenciar Reclus. Ao longo da pesquisa, exploramos algumas ideias dos pensadores Immanuel Kant (1724-1804), Alexander Von Humboldt (1769-1859) e Carl Ritter (1779-1859); o objetivo da investigação é dar a base reflexiva para discutirmos o entendimento de Natureza de Reclus. A influência desses pensadores alemães, fizeram com que Reclus difundisse uma Geografia pautada na harmonia da relação Homem-Natureza. Podemos ver essa influência em algumas obras de sua autoria, neste artigo investigamos três escritos do geógrafo: “O sentimento de natureza nas sociedades modernas” (2015); “A evolução, a revolução e o ideal anarquista” (2002); “Geografia física: O homem e a terra” geográficas alemães que induziram Reclus a ter uma concepção de Natureza que em certos pontos, era diferente do pensamento geográfico produzido no território francês.

A GEOGRAFIA FRANCESA DO SÉCULO XIX E A DOMINAÇÃO DA NATUREZA

Apesar de Élisée Reclus ter formação em escola alemã, nos é conveniente explorarmos no primeiro momento, o pensamento geográfico produzido na França do século XIX. Analisando alguns aspectos da Geografia francesa desse período, conseguiremos elaborar com maior propriedade as distinções entre a concepção de Natureza do país natal do geógrafo e do país onde o mesmo estudou Geografia.

Esse pensamento do Homem enquanto “dominador” se sustenta no chamado século das luzes, onde a ciência com base no funcionalismo-positivista ganha forte incentivo para explorar a Natureza, conforme cita Andrade (2008):

[...] o século XIX, o chamado século das luzes, preparado para uma grande revolução econômica e cultural que consolidaria o domínio da burguesia e do modo de produção capitalista em todos os quadrantes do globo. A superestrutura ideológico-cultural se consolidava consagrando a racionalidade da ação do homem sobre a natureza, o que permitiria a sua exploração com grandes vantagens, a dominação técnica, a valorização do pensamento científico com a preocupação do estabelecimento de leis universais, a partir das formulações de Newton e crença generalizada no progresso, que seria linear e contínuo (ANDRADE, 2008, p. 75-76).

Freitas (2004) classifica os geógrafos que participaram dessas expedições no século das luzes, como Naturalistas-Geógrafos, conforme a autora, esses viajantes



embarcam com preocupações ligadas à história natural, para se tornarem, pouco a pouco, geógrafos modernos.

Muito bem inscritos no espírito do século, são os relatos desses naturalistas-geógrafos que despertarão a curiosidade do grande público e dos intelectuais. Serão eles os mais ávidos por contar o mundo sob o “olhar do viajante”. E eles também fizeram desta época aquela das grandes viagens científicas ao redor do mundo (FREITAS, 2004, p. 3-4).

Para o desenvolvimento das ciências naturais (incluindo a Geografia) com fins de dominação e exploração, os estudiosos baseiam seus estudos no Positivismo⁴. Em vista disso, Santos (2015, p. 66) cita a Geografia francesa tem em sua base o funcionalismo-positivista, de origem antropológica, concebendo a sociedade não como um organismo mas como um todo, formado por partes formando um conjunto unitário.

Passa então o positivismo a dominar o pensamento típico do século XIX, como método e como doutrina. Como método, embasado na certeza rigorosa dos fatos de experiência como fundamento da construção teórica; como doutrina, apresentando-se como revelação da própria ciência, ou seja, não apenas regra por meio da qual a ciência chega a descobrir e prever (isto é, saber para prever e agir), mas conteúdo natural de ordem geral que ela mostra junto com os fatos particulares, como caráter universal da realidade, como significado geral da mecânica e da dinâmica do universo (RIBEIRO, 2005, p. 8).

O positivismo de Auguste Comte (1798-1857) vai introduzir os métodos das ciências naturais no estudo da sociedade, a proposta será a física social, que utilizaria a análise estatística (BARRETO, 2019, p. 45). Comte irá focar nas questões materiais, logo, a metafísica não é amplamente discutida na França, segundo Ribeiro (2005), opondo-se à concepção do direito natural e do pacto social e às doutrinas teológicas Augusto Comte preconiza o emprego de novos métodos no exame científico dos problemas sociais substituindo as interpretações metafísicas. O objetivo maior do positivismo, conforme Oliveira (2010, p. 7), “era promover uma reforma intelectual da sociedade, a reforma positiva do modo de pensar uma vez que a filosofia positiva era a única capaz de responder às exigências que o saber científico impunha a sociedade como todo”. Na Geografia, esse pensamento vai sugerir que o Homem não está incluso

⁴ O positivismo é, portanto, uma filosofia determinista que professa, de um lado, o experimentalismo sistemático e, de outro, considera anticientífico todo estudo das causas finais. Assim, admite que o espírito humano é capaz de atingir verdades positivas ou da ordem experimental, mas não resolve as questões metafísicas, não verificadas pela observação e pela experiência.

Como sistema filosófico, busca estabelecer a máxima unidade na explicação de todos os fenômenos universais, estudados sem preocupação alguma das noções metafísicas, consideradas inacessíveis, (P.16) e pelo emprego exclusivo do método empírico, ou da verificação experimental (RIBEIRO, 2005, p. 9).



no estudo enquanto ser/indivíduo, mas sim como uma estatística, um número, um dado, etc; descartando o olhar social, segundo Moraes (2005):

Uma primeira manifestação dessa filiação positivista está na redução da realidade ao mundo dos sentidos, isto é, em circunscrever todo trabalho científico ao domínio da aparência dos fenômenos. Assim, para o positivismo, os estudos devem restringir-se aos aspectos visíveis do real, mensuráveis, palpáveis. Como se os fenômenos se demonstrassem diretamente ao cientista, o qual seria mero observador. Daí a limitação de todos os procedimentos de análise à introdução, posta como a única via de qualquer explicação científica (MORAES, 2005, p. 7).

Durante o século XIX, diversos ramos da ciência foram se desenvolvendo para fins exploratórios e o Positivismo impulsionou essas jornadas, isto é, buscavam saber mais sobre a Natureza a fim de fazer com que ela produzisse conforme o interesse dos exploradores. Ainda segundo Moraes (2005, p. 7), esta concepção, que incide na mais grave naturalização dos fenômenos humanos, se expressa na onipresente afirmação: “A Geografia é uma ciência de contato entre o domínio da natureza e o da humanidade”. No início do século XIX a Geografia na França não foi diferente, o conhecimento geográfico científico estava atrelado a explorações e viagens, conforme citado por Ribeiro (2009):

Embora o ano de 1809 tenha testemunhado a criação da cátedra de Geografia na Universidade de Paris e, em 1828, fundava-se, nesta mesma cidade, a Sociedade geográfica européia, durante as três primeiras décadas do século XIX a Geografia esteve praticamente ausente do despontamento científico de então. Sob responsabilidade dos historiadores, não passava de uma disciplina auxiliar à História. Para os demais cientistas, era vista como uma disciplina prática, fornecedora de dados para políticos, comerciantes e o público geral. Além disso, com a Sociedade de Geografia de Paris voltada para explorações e viagens (RIBEIRO, 2009, p. 24).

Na França até o ano de 1871, aproximadamente, as sociedades permaneceram pouco numerosas, e se dedicavam a estudos de geografia pura, com o objetivo de ampliar os relatos e informações sobre os lugares (BARRETO, 2019, p. 33). O incentivo da burguesia para o recolhimento dessas informações foi fundamental para Geografia francesa, Moraes (2005, p. 22) cita que “A França foi o país que realizou, de forma mais pura uma revolução burguesa. [...] a burguesia instalou seu governo, dando ao Estado a feição que mais atendia seus interesses”. Sendo assim, concluímos que o saber geográfico da França, se orienta por um viés governamental e esse saber, é favorável a colonização. Conforme Barreto (2019, p. 33), os próprios geógrafos irão contribuir para difundir a ideologia colonial e participando ativamente das associações pró-coloniais. Por esse motivo, a Geografia de Estado conseguiu prosperar com maior



facilidade em território francês; e a Geografia discutida por geógrafos como Reclus, acabou não sendo muito divulgada quando comparamos com a Geografia de Estado. Assim sendo, através do viés de serviço estatal que se organiza a Escola Francesa.

A Escola Francesa por sua vez, conforme citado por Andrade (2008, p. 109), formou-se na primeira metade do século XX, tendo por centro as ideias defendidas por Vidal de la Blache (1845-1918), primeiro geógrafo francês a ocupar uma cátedra universitária de Geografia. Tal como Reclus, la Blache também foi discípulo de Ritter, na Alemanha. Tendo sido discípulo de Ritter, estava imbuído de preocupações geográficas e aceitava, até certo ponto, a influência do meio sobre o homem. Tanto que nunca considerou a Geografia como uma ciência social, mas como uma ciência natural, “dos lugares” (ANDRADE, 2008, p. 110). Sendo Vidal de la Blache uma das maiores referências na França, Reclus cai em um ligeiro esquecimento pelo fato de se desaproximar-se dos estudos vidalianos, além do mais, seus atos de militância em especial na Comuna de Paris contribuíram na pouca disseminação do método geográfico reclusiano.

Élisée Reclus (1830-1905) foi afastado do sistema universitário francês em decorrência de sua participação na Comuna de Paris e de suas atividades anarquistas, acabou se firmando em Bruxelas, na *Université Nouvelle* apenas em 1894, ocupou uma posição marginal no pensamento francês devido a isto, e sua obra só seria redescoberta no final do século seguinte. Reclus, contudo, foi um dos responsáveis por levar a geografia para o público em geral, a partir de suas ligações com a Editora Hachette que publicou a maioria das obras do autor. Reclus se distanciará consideravelmente do grupo dos vidalianos em termos institucionais, políticos e teóricos, produzirá uma teoria original da relação homem-natureza, que trará reflexões diferenciadas sobre os fenômenos da sociedade incluindo a colonização (BARRETO, 2019, p. 54).

Nossa intenção com esta primeira parte foi elucidar o contexto da Geografia Francesa da época de Élisée Reclus. Diante dos resultados desse breve apanhado, conseguiremos debater como a concepção de Natureza do geógrafo está mais próxima aos pensadores alemães, visto que, a Geografia francesa mostrou-se em muitos casos, como uma ferramenta de dominação da Natureza.

ÉLISÉE RECLUS E A IDEALIZAÇÃO DA NATUREZA NA ALEMANHA

Concluimos anteriormente que devido ao seu contexto político, a Geografia francesa construiu uma ótica de dominação sob Natureza. Todavia, apesar de francês, Reclus propôs uma visão diferente para esta, portanto, a ideia de Natureza para o



geógrafo estava para além da compreensão mecanicista. Mas vale advertir, que, alguns pensamentos propostos no Romantismo alemão tiveram embasamento na lógica mecânica, que por sua vez, era a lógica fundamental do Positivismo.

O movimento romântico valorizou o papel da reflexão em detrimento da determinação imposta pela concepção de causalidade linear. E isto foi possível somente a partir da concepção de organismo, que possibilitou o entendimento da natureza, cuja causalidade é essencialmente construída pelo sujeito da reflexão. Assim, por meio do princípio da conexão, seria possível determinar a dinâmica dos processos de constituição das formas. Com isto, a natureza assumia um caráter ontológico na perspectiva de um *medium-de-reflexão* pautado na forma (BENJAMIN, 1999 apud VITTE; SPRINGER, p. 185, 2017).

Isto posto, no prefácio da obra “O Homem e a Terra”, Reclus (1906) levanta o questionamento: “[...] o Homem é a Natureza tomando consciência de si mesma?” (RECLUS, vol.1, p. IV, 1906, tradução nossa). Acreditamos que a influência do Romantismo alemão ajudou o geógrafo a conceber essa interpretação para relação Homem-Sociedade-Natureza. Conforme Ferretti (2020, tradução nossa) “A filosofia da natureza, mais precisamente *Naturphilosophie* em alemão, foi um dos elementos fundamentais na educação intelectual de Reclus.” A fim de debruçarmos sob essa influência, estaremos analisando a ideia de Natureza entendida por alguns pensadores alemães⁵ que vieram a influenciar Élisée Reclus, vale destacar que algumas dessas ideias foram pensadas antes da institucionalização da Geografia na Alemanha.

Para darmos início a nossa análise, investigaremos rapidamente o filósofo prussiano Immanuel Kant (1724-1804); ele lecionou cursos de “Geografia Física” por aproximadamente quarenta anos em Königsberg. Sendo um filósofo, o curso de “Geografia Física” ministrado por Kant esteve muito atrelado a reflexões metafísicas. Conforme Ribas e Vitte (2009), o curso de “Geografia Física” se mostrou, a Kant, como um conhecimento provido de uma desmedida significação metafísica, já que lhe sugeria a própria possibilidade de empiricização de sua filosofia. Ainda segundo os autores “[...] seria um profundo desacerto desprender os estudos geográficos de Kant dos conteúdos e das intenções de seu sistema filosófico (RIBAS; VITTE, 2009). Isto posto, o que

⁵ Aqui estaremos os tratando como “pensadores alemães” mas vale lembrar que no período em questão o que conhecemos como Alemanha, ainda não estava unificada. Conforme Carneiro (2010, p. 170 apud LEITÃO, p. 18) “o que se chamava de Alemanha, no século XVII, era uma complexa colcha de retalhos formada por mais de mil unidades políticas distintas onde se falavam diversos dialetos germânicos.”



queremos frizar nessa parte da pesquisa é o ponto de vista de Kant para as relações Homem-Natureza, segundo Vitte e Springer (2017):

A partir das obras *On the Different Races of Human Beings*, *Determination of the Concept of a Human Race*, *On the Use of Theological Principles in Philosophy*, *Critique of Judgment*, *Anthropology from a Pragmatic Point of View* e *Physical Geography Lectures* (KANT, 2014), Immanuel Kant deslocou o debate relativo à raça para o de natureza humana/ser humano, revolucionando com isto os estudos antropológicos e geográficos, e desencadeando novas possibilidades interpretativas sobre o homem e sua relação com a natureza (VITTE; SPRINGER, 2017, p. 175).

Para compreendermos a Geografia de Kant e o olhar que o mesmo tinha para a Natureza, focamos nossa atenção na obra “Crítica da Faculdade do Juízo” (1790). Na obra em questão, Kant vai debater a questão estética da Natureza. Ainda seguindo a linha de raciocínio da “razão para interpretação”, nessa obra ele propõe que “o juízo de gosto como representação de uma estética universal, é fundamental na estruturação de uma forma inaugural de lidar com a natureza e com suas representações” (VITTE; SILVEIRA, 2010, p. 08). Para compreender essas representações deve-se buscar explorar o que Kant propôs como: *agradável*, *bom* e *belo*. O *agradável* está ligado a impressões que podemos nutrir através de nossa sensibilidade, conforme Vitte e Silveira “[...] constitui-se como objeto de interesse do sujeito, ou seja, é agradável e está ligado, as sensações, ao prazer desempenhado por uma situação ou objeto (VITTE; SILVEIRA, 2010, p. 08).

O *bom*, por sua vez, está atrelado ao dever moral do Homem com a Natureza.

Quanto ao que é bom, temos novamente a manifestação de um interesse, nesse caso ligado ou ao que é útil ou ao incondicionado da ação, ao elemento transcende da razão que empreende a noção de dever moral no homem. No bom como aquilo que é útil se revela o objeto como meio, como caminho para a realização de um fim colocado em alguma circunstância ou condição; no bom em si, não se antevê a efetivação de um meio, mais um fim incondicionado e por isso chamado dever. (VITTE; SILVEIRA, 2010, p. 08).

Por fim, destacaremos o *belo*, segundo Vitte e Silveira (2010, p. 09), quando Kant trabalha com “a percepção estética na designação do *belo*, ele está de fato situando a estética em uma outra esfera, que está para além do simplesmente apreendido, ou seja ele está revelando o papel da intuição no conhecimento”. Essa obra foi fundamental para o pensamento geográfico nascente, pois nela também se discute o princípio teleológico da Natureza.

Estamos falando do princípio teleológico da natureza, a representação de uma finalidade natural expressa em seus processos e manifestações. Olhando e analisando a natureza, percebemos nela uma causalidade que difere da



causalidade mecânica, linear; contudo, não podemos penetrar na verdadeira forma de causalidade implícita na manifestação natural dos objetos, haja vista a nossa incapacidade de conhecer a natureza em si (VITTE; SILVEIRA, 2010, p. 09).

Inicialmente destacamos Kant, pois este veio a influenciar Humboldt e a edificação da Geografia Moderna conforme citado Vitte (2014 apud Soares Neta, 2020):

O pensamento kantiano em Humboldt possibilitou a edificação da Geografia Moderna, pois, relaciona o humano com o mundo dentro da sensibilidade e a partir da racionalidade e percepção, a noção estética consolidava-se a partir da coisa em si e o entendimento fenomênico (VITTE, 2014 apud SOARES NETA, 2020, p. 64).

Vitte e Springer (2017, p. 173) ainda nos lembram que Humboldt influenciou todo um *modus operandi* de reflexão sobre relações homem-natureza, e com o aporte da filosofia kantiana, organizou fundamentos de uma nova concepção de espacialidade que interferiu diretamente na organização da ciência geográfica. Em vista disso, destacaremos aqui esse outro pensador, o prussiano Friedrich Wilhelm Heinrich Alexander von Humboldt (1769-1859), segundo Wulf (2016) Humboldt tornou-se o primeiro cientista a falar das nocivas alterações climáticas causadas pelo homem. Ainda conforme a autora:

Humboldt foi o primeiro a explicar a capacidade da floresta de enriquecer a atmosfera com umidade, seu efeito resfriador, a importância da retenção da água e a proteção contra a erosão do solo. Ele alertou que os humanos estavam interferindo no clima e que isso poderia ter um impacto imprevisível sobre as “futuras gerações” (WULF, 2016, p. 23).

Um outro pensamento desse estudioso a ser acentuado, é, conforme Soares Neta (2020), que Humboldt acreditava que o conhecimento deveria ser compartilhado e colocado à disposição de todos, sendo um grande crítico ao colonialismo. Contudo, havia contradições em seu discurso, pois o mesmo homem que apoiou revoluções latino-americanas, serviu aos interesses de dois reis prussianos. Apesar da manifestação contraditória acreditamos que o cientista exerceu as mais significativas contribuições para o entendimento da Natureza, conforme citado por Wulf (2016):

Somos moldados pelo passado. Nicolau Copérnico nos mostrou nosso lugar no universo. Isaac Newton explicou as leis da natureza, Thomas Jefferson deu-nos alguns dos nossos conceitos de liberdade e democracia, e Charles Darwin provou que todas as espécies descendem de ancestrais comuns. Essas ideias definem nossa relação com o mundo. **Humboldt nos deu o conceito de natureza propriamente dita.** A ironia é que as concepções de Humboldt tornaram-se tão evidentes, que em larga medida, nós esquecemos do homem por trás dela (WULF, 2016, p. 32, grifo nosso).



Apesar de naturalista, [Humboldt] tinha grande curiosidade pelo homem e pela sua organização social e política, achando que esta tinha que ter relação íntima com as condições naturais (ANDRADE, 2008, p. 80). É interessante ver que Élisée Reclus mantém essa mesma linha de pensamento, na qual sugere que a conexão dos fenômenos dão movimento a vida, Reclus (1906) cita que “não basta reconhecer de uma forma geral a influência da natureza sobre o homem, também é necessário registrar a parte que corresponde especialmente nesta influência a cada uma das condições particular do meio” (RECLUS, vol.1, p. 40, 1906, tradução nossa). Na sua célebre obra *Cosmos*⁶, Humboldt manifesta o pensamento da organização e ordenação dos elementos naturais. O título, Humboldt explicou, vinha da palavra grega κόσμος – Kósmos –, que significava “beleza”, “ordem”, e que também tinha sido aplicada ao universo como um sistema ordenado, organizado (WULF, 2016, p. 337). A respeito de seu outro ilustre escrito, Reclus (2015) cita “[...] foi viajando dos Andes a Altai que Humboldt escreveu sua admirável obra *Quadros da Natureza*, dedicada, como ele próprio disse “àqueles que, por amor à liberdade, puderam libertar-se das ondas tempestuosas da vida” (RECLUS, 2015, p. 49). Na obra em questão o naturalista também manifesta essa linha de pensamento da Natureza ordenada, notamos também o *belo* (sob o viés kantiano).

Tal é o combate de cavalos e de peixes. A força que converte em arma viva e invisível a estes habitantes das águas, não é senão essa que, desenvolvida pelo contacto de partes húmidas e heterogêneas, circula por todos os órgãos de animais e plantas, incendeia e faz ressoar a imensa abóbada do céu, atrai o ferro pelo ferro e rege a marcha regular e obstinada da agulha magnética. Todos esses fenômenos nascem de uma fonte única, como as cores em que se decompõe o raio luminoso; todas se resolvem numa força eterna e universalmente espalhada (HUMBOLDT, 1964, 1º vol., p. 25-26).

Humboldt, entretanto, alertou que a humanidade precisava compreender como as forças da natureza funcionavam, como os diferentes fios estavam todos interligados. Os seres humanos não poderiam simplesmente alterar o mundo natural a seu bel-prazer e para proveito próprio (WULF, 2016, p. 97). Humboldt, de certa forma, já ponderava o poder do Homem em transformar a Natureza ao ponto de gerar consequências nocivas. Sendo assim, o compromisso moral com a Natureza, discutidas por Kant e Humboldt irão se manter em Reclus, segundo Nadir (1980 apud Rech, 2016, p. 58) “A idealização da natureza e a exaltação do indivíduo como parte de uma ordem cósmica universal

⁶ O título original é *Kosmos*, é uma das mais influentes obras das ciências naturais. Sua origem provém da série de aulas de Humboldt na Universidade de Berlim. A obra fora publicada em cinco volumes entre 1845 e 1862.



estabelecem um nexu entre Reclus e o movimento romântico de sua época.” Por isso, consideramos o Romantismo como base fundamental para compreender a harmonia com a Natureza na ciência geográfica formulada por Reclus, conforme Andrade (1989):

Para Reclus a geografia era uma única ciência, e a natureza e o homem, por ela estudados, formavam um conjunto harmônico em que o meio natural exercia influência sobre o homem, provocando a sua ação, modificando-o, transformando-o e conduzindo-o (ANDRADE, 1989, p. 21).

Por conseguinte, outra “herança” de Humboldt para Reclus, é que ambos atribuíam as montanhas, formas singulares de analisar a paisagem. Humboldt tendo por base o pensamento de Kant, Goethe, Schiller e Schelling e através da observação da paisagem, em especial, das paisagens montanhosas, acabou por possibilitar uma nova forma integradora de visão da natureza (SOARES NETA, 2020, p. 92). Duarte (2006) nos apresenta o ensaio que Reclus fez acerca do Etna⁷, quando o mesmo entrou em erupção em janeiro de 1865.

Assim, ao descrever a violenta erupção do Etna de janeiro de 1865 e interpretá-la como uma vigorosa pulsação, Reclus alerta para o fato de que aquela montanha não era apenas um vulcão, mas urgia observar toda a região geográfica onde se localizava, realizando um percurso em que as diversas paisagens a norte, sul, leste e oeste da sua cratera ofereciam “uma extraordinária variedade de aspectos, e cada detalhe reforçava a idéia construída sobre a beleza grandiosa do conjunto”. A visão mais detida do Etna evidenciava a multiplicidade não apenas de suas formas e paisagens, mas também a das várias formas de vida que ali vicejavam (DUARTE, 2006, p. 13).

Diferente da época de Humboldt, Reclus vivenciou um período onde a educação estava sendo em muito influenciada pelo viés técnico, e segundo o geógrafo o estudo *in loco* nas montanhas seria mais valioso que a ótica exclusivamente linear proposta nos mapas e livros de então.

Reclus atribuía à montanha um lugar privilegiado para exprimir seus ideais de liberdade, solidariedade e fraternidade entre os povos. Além do conteúdo fortemente político de seus estudos, evidencia-se aqui uma percepção científica tão sofisticada quanto extemporânea. Na realidade, Reclus tematizava algo que estudos muito recentes vieram a explorar: a incapacidade da matemática clássica, absolutamente predominante no século XIX, de explicar satisfatoriamente as formas geométricas da natureza (DUARTE, 2006, p. 13).

⁷ O Etna é um vulcão ativo situado na parte oriental da Sicília, entre as províncias de Messina e Catânia. É o mais alto vulcão da Europa fora da região do Cáucaso, e um dos mais altos do mundo, atingindo aproximadamente 3.357 metros de altitude, podendo aumentar, gradualmente devido às frequentes erupções (WIKIPÉDIA).



No decorrer desse apanhado, através de Kant, vemos uma racionalização a contemplação a Natureza, nesse ponto vimos como ele influenciou Humboldt e como esse pensamento se manteve em Reclus. Porém, para concluirmos, abordaremos como seu professor, Carl Ritter (1779-1859) também o influenciou. A Geografia de Reclus, como a de Ritter e Humboldt, buscava leis naturais sobre a harmonia da natureza e da história do homem (SPOSITO; SOBREIRA, 2017, p. 178). Porém, há diferenças entre os pensadores, conforme Moraes (2005, p. 16), “A formação de Ritter também é radicalmente distinta da de Humboldt, enquanto aquele era geólogo e botânico, este possui formação em Filosofia e História”. Apesar da diferença em formação, Humboldt tem forte influência na trajetória científica de Ritter, como cita Alves e Piccoli (2009):

Apesar, de divergir em algumas questões metodológicas apresentam um conjunto de idéias que os tornam de uma mesma vertente teórica e escolástica, ou seja, uma geografia sistematizada, no qual o espaço era o foco central, diferente das abordagens sociais e regionais da vertente francesa (ALVES; PICCOLI, 2009, p. 51).

Ainda conforme Alves e Piccoli (2009), na Universidade de Berlim, [Ritter] recebeu influência de Humboldt, no que diz respeito aos trabalhos empíricos e sobre a complexidade das relações da natureza na superfície terrestre, foram importantes os estudos e viagens realizadas por Humboldt, na elaboração de algumas idéias de Ritter na construção de sua obra maior Geografia Comparada. Segundo Moraes (2005), para Ritter, a Geografia deveria estudar estes arranjos individuais e compará-los. Por ser filósofo e historiador, notamos grande semelhança entre Ritter e Kant, porém o primeiro usou como base as ciências racionais vinculado à vontade de Deus.

Assim como em Kant, os trabalhos de Ritter também cultivam uma noção de história teleológica. Em Ritter esta perspectiva teleológica é bastante impregnada de seu espírito religioso, já que Ritter foi um luterano fervoroso durante toda a sua vida (BECK, 1979; CAGE, 1987 apud LEITÃO, 2017, p. 50).

Ambos os estudiosos acreditavam que a racionalização da Natureza e o estudo da História, serviriam como ferramentas para desenvolver o dever moral do Homem em relação a Natureza. Karl Ritter não foi viajante, um explorador, mas um grande leitor e excelente expositor. Procurou explicar a evolução da humanidade ligando-a às relações entre o povo e o meio natural, fazendo sobretudo a descrição da sociedade (ANDRADE, 2008, p. 82-83). Suas idéias iniciais partem de um Racionalismo, frente ao objeto de estudo, entretanto sofreu interferência dos pressupostos Românticos, como a observação, metáforas, analogias, comparação e concepções organicistas da natureza



(OSTUNI, 1967 apud ALVES; PICCOLI, 2009, p. 50). Ainda sim, a perspectiva religiosa de Ritter acentuou suas teorias acerca do compromisso moral do Homem com a Natureza.

Se em Kant o objetivo da história é o mais pleno desenvolvimento da liberdade propiciado pela moral racional, em Ritter o objetivo da história é bastante semelhante: treinar o ser humano em caráter, aperfeiçoando-o moralmente. Logo, a razão auxilia o homem a se desenvolver moralmente, fazendo-o chegar mais próximo do divino (LEITÃO, 2017, p. 51).

Embora Kant tenha lecionado o curso de “Geografia Física”, através de Ritter que a Geografia se institucionaliza, na Universidade de Berlim. Quando nos concentramos no debate teórico-metodológico do segundo, Moraes (2005) cita que “a proposta de Ritter é, por estas razões, antropocêntrica (o homem é o sujeito da natureza), regional (aponta para o estudo de individualidades), valorizando a relação homem-natureza” (MORAES, 2005, p. 17).

Dessa forma, Ritter mantém uma base positivista clássica, orientada pelas ciências naturais, nas quais estavam muito desenvolvidas nas questões metodológicas (ALVES; PICCOLI, 2009, p. 58). Ritter apresenta essa base metodológica em uma das suas obras mais conhecidas, a “Geografia Comparada”.

Karl Ritter em sua obra clássica Geografia Comparada (1807) fez um longo estudo sobre os elementos físicos e as co-relações com a construção e distribuição dos povos, sempre salientou a abordagem histórica em seus estudos, afirmando que a história e a geografia têm que ficar sempre inseparáveis. Este livro apresentou dezenove volumes, na qual pretendia-se elaborar uma obra completa sobre as diferentes regiões do planeta, entretanto, somente os continentes da Ásia e África foram publicados por Ritter (ALVES; PICCOLI, 2009, p. 55).

Acreditamos que Reclus apresenta uma noção semelhante sobre o Homem e a Natureza, no capítulo “Evolução da sociedade e da civilização” da obra “O Homem e a Terra”, o geógrafo nos apresenta algumas influências do pensamento ritteriano.

O ritmo dos acontecimentos se submete, portanto, a leis muito complexas e é através de simples figura de linguagem que se pode compará-lo a uma oscilação regular. A verdade é que, em muitos aspectos, os diversos grupos humanos, tribos, nações, Estados, apresentam fenômenos de vida como os animais e as plantas: nascem, se fortificam, declinam, morrem; e o estudo aprofundado indica para todos estes fenômenos causas que podem ser classificadas em categorias, de maneira geral, apesar de as diferentes sociedades se interpenetrarem umas nas outras e as instituições, as religiões, as morais e as civilizações invadirem naturalmente seus respectivos domínios. **Graças a este estudo comparado**, certas evoluções de determinada sociedade permitem, pois, predizer por analogia quais serão suas consequências inelutáveis (RECLUS, 1989, p. 101-102, grifo nosso).



Por isso, ao nosso entender, o fato dele ter sido discípulo de Ritter, fez com que sua concepção de Geografia também estivesse ligado ao estudo comparado e ao compromisso moral com a Natureza. O estudo da individualidade dos lugares, através da história, fez com que Reclus elaborasse seus apontamentos sobre o progresso da sociedade. Pelo ponto de vista do geógrafo, quando analisadas as sociedades, notamos que os resultados mais positivos do progresso estão atrelados a liberdade, igualdade e acordo espontâneo dos cidadãos:

A história, por mais distante que remontássemos na sucessão das épocas, por mais diligentemente que estudássemos ao nosso redor as sociedades e os povos, civilizados ou bárbaros, policiados ou primitivos, a história nos diz que toda obediência é abdicação, que toda servidão é morte antecipada; **ela também nos diz que todo progresso realizou-se na proporção da liberdade dos indivíduos, da igualdade e do acordo espontâneo dos cidadãos**; que todo século de descobertas foi um século durante o qual o poder religioso de político encontrava-se enfraquecido por competições, e onde iniciativa humana conseguira abrir uma brecha para mostra-se, como um tufo de ervas crescendo através das pedras desprendidas de um palácio (RECLUS, 2002, p. 54-55, grifo nosso).

Para concluirmos esta etapa da pesquisa, vale acentuar que optamos em expor Kant, Humboldt e Ritter nesse caminhar geográfico junto a idealização da Natureza na Alemanha, pois, estes apresentam significativas influências para a Geografia Moderna e estudos da Natureza, conforme Reclus (2015):

Kant, o poderoso renovador da filosofia moderna, também se ocupava da solução dos problemas relativos à terra, e, com a mesma pena que escreveu a *Crítica da Razão Pura*, escreveu várias obras de geografia física. [...] Alexander von Humboldt, o infatigável viajante, que nos dois mundos, estudou *in loco* os movimentos da vida do globo, e Carl Ritter, o heroico cientista que não recuou ante o pensamento de começar sozinho a enciclopédia dos conhecimentos da humanidade sobre as regiões e os povos da terra (RECLUS, 2015, p. 61).

O embasamento científico e cultural desses estudiosos apresentam contribuições pertinentes para a consolidação da ciência geográfica; através dos estudos das leis gerais da Natureza e das leis teleológicas foi possível tecer um debate das relações entre Homem-Sociedade-Natureza, onde nos é apresentado a ideia de compromisso moral com o planeta Terra.

A CONCEPÇÃO DE NATUREZA DE ÉLISÉE RECLUS

Ao longo deste artigo, vimos que durante o século XIX o país natal de Reclus desenvolveu uma ótica de dominação sob a Natureza e posteriormente, vimos também, como na antiga Alemanha houve uma idealização da Natureza pautada na racionalidade



e na sensibilidade. Isto posto, nosso objetivo nesta parte da pesquisa, será, comprovar a influência alemã na concepção de Natureza do Élisée Reclus. Portanto, para entendermos a concepção de Natureza para Reclus, iremos apreciar alguns apontamentos de seus próprios escritos.

Iniciaremos a análise com seu texto, que dá título ao livro “Do sentimento da natureza nas sociedades modernas”, publicado originalmente em maio de 1866, conforme citado por Montoleone (2016), a montanha que domina a paisagem e sua escrita. Para ele, a montanha, ou a subida e a conquista da montanha, seria a metáfora perfeita para exprimir seus ideais de solidariedade, fraternidade e liberdade entre os povos. Cirqueira (2019) também nos ajuda a compreender melhor a ideia dessa obra.

No plano epistemológico e metodológico Reclus se utilizará da corografia de Humboldt, seguindo a metodologia holística do micro ao macro, sob o viés teórico do romantismo amalgamado à metafísica da natureza e dos humanos. Comparou o fragmento de rocha da montanha e seu processo de formação à dimensão do cosmo, buscando demonstrar que na lógica cósmica essencialmente complexa congregam-se todas as relações dinâmicas da *physis*, sendo o ser humano a natureza autoconsciente dessa universalidade transcendental, mas que nele reside todo o fundamento da imanência existencial, por estar sempre apregoada da realidade material cósmica, demonstrando a necessidade de superação da transcendentalidade kantiana na geografia que herdou de Ritter e de Humboldt pela imanência materialista das relações humanas com o meio (CIRQUEIRA, 2019, p. 95-96).

O embasamento desses estudiosos do romantismo segue no modo como Reclus descreve o que ele entende por “conquistar a montanha”.

Pela majestade de sua forma e pela ousadia de seu perfil desenhado em pleno céu, pelo cinturão de nuvens que circunda seus flancos, pelas variações incessantes de sombra e luz que se poduzem nas ravinas e sobre os contrafortes, as montanhas tornam-se por assim dizer, seres dotados de vida, e é a fim de surpreender o segredo de sua existência que buscamos conquistá-las (RECLUS, 2015, p. 50).

Nesse contexto a montanha é entendida por uma perspectiva mais sentimental, próximo as ponderações dos estudiosos da Alemanha. Desse modo, quando Reclus analisa o maneira que a sociedade vem estabelecendo relações com a Natureza, o geógrafo aponta como alternativa o progresso harmônico. Como aponta Rech (2016, p. 59-60), “A intenção irresponsável do Homem é anotada por Reclus. Essa ação ausente de pertencimento é construída a medida que a Natureza é transformada pela ação do Homem [...]”

Os desenvolvimentos da humanidade ligam-se da maneira mais íntima com a natureza circundante. Uma harmonia secreta estabelece-se entre a terra e os povos que ela nutre, e quando as sociedades imprudentes permitem-se erguer a mão contra o que faz a beleza de sua região, elas acabam sempre da



paisagem, as imaginações desvanecem-se, os espíritos empobrecem-se, a rotina e o servilismo apoderam-se das almas e dispõem-nas ao torpor e à morte (RECLUS, 2015, p. 80).

Por essa ótica, Reclus sugere que o modo de desenvolvimento das sociedades modernas tendo como base o lucro, afastaria as relações íntimas com a Natureza. O desenvolvimento industrial da sociedade, interpreta a Natureza sob uma ótica utilitarista, segundo Reclus (2015, p. 82), “[...] o industrial que busca pôr em obra os produtos da terra não cessa de ver ao seu redor riquezas não utilizadas”. Seguindo outro raciocínio, a Natureza é compreendida por Reclus como algo terapêutico, conforme citado: Quanto ao homem simples que se contenta em amar a natureza em si mesma, nela encontra sua alegria, e quando está infeliz, seus sofrimentos são ao menos suavizados pelo espetáculo da liberdade do campo (RECLUS, 2015, p. 82).

Entretanto, eles também acabam por sentir a doce influência do meio que os cerca; suas mais vivas amarguradas transformam-se pouco a pouco em uma espécie de melancolia que lhes permite compreender, com um sentido refinado pela dor, tudo o que a terra oferece de gracioso e belo: mais do que muitas pessoas felizes, eles sabem apreciar o sussurro das folhagens, o canto dos pássaros, o murmúrio das fontes. E se a natureza tem tanta influência sobre os indivíduos para consolá-los ou para fortalecê-los, o que ela não pode durante o transcurso dos séculos, sobre os próprios povos? (RECLUS, 2015, p. 82).

Para analisarmos como Reclus interpretava essa influência da Natureza sobre os povos, nos debruçamos sobre o escrito A evolução, a revolução e o Ideal Anarquista⁸, Cubero (1989), cita que: “Estabelecendo um paralelo entre os fenômenos da natureza e as sociedades humanas, [Reclus] conceitua os termos evolução e revolução denunciando os preconceitos, as visões hipócritas, tímidas e estreitas”. No livro em questão, Reclus compreende que para sociedade torna-se mais igualitária, haveriam constantes momentos de progresso e de regresso; e a Natureza está intimamente ligada, pois o progresso harmônico que Reclus pautava dialoga com a relação que devemos ter com o meio natural. A inevitável evolução da humanidade, para Reclus, que conduziria ao progresso desejado, estava longe de ser acabado (RECH, 2016, p. 49). Para o geógrafo, o caminho do aperfeiçoamento passaria por constantes processos de melhoramentos, nisso inclui-se progressos e regressos, mas ainda sim, caminhando para o progresso harmônico com a Natureza. Sabendo disso, alisaremos a maneira como Reclus expõe alguns fenômenos naturais nessa produção, compreendendo também a influência além nesse saber. Reclus (2002) explica sua visão de evolução, para ele a evolução sempre

⁸ Publicado pela primeira vez em 1897, resultado de um discurso proferido em Genebra.



propiciou as transformações na história do espaço. Reclus, esboçou sua ideia de Natureza para além de uma perspectiva mecanicista, mágica ou puramente metafísica. Em Reclus, seguindo as pegadas de Humboldt, a Natureza é entendida enquanto *unidade* (RECH, 2016, p. 58). Para expor seu raciocínio, Reclus investiga a evolução considerando a totalidade da Natureza, ou seja, faz uma colocação em escala cosmográfica e vai se aproximando da evolução dos fenômenos naturais do planeta Terra.

A evolução é o movimento infinito de tudo o que existe, a transformação incessante do Universo e de todas as suas partes desde as origens eternas e durante infinito dos tempos. As vias lácteas que surgem no espaço sem limites, que se condensam e se dissolvem durante os milhões e os bilhões de séculos, as estrelas, os astros nascem, que se agregam e morrem, nosso turbilhão solar com seu astro central, seus planetas e suas luas, e, nos limites estreitos de nosso pequeno globo terráqueo, as montanhas que surgem e desaparecem de novo, os oceanos que se formam para em seguida secar, os rios que se vê formar nos vales, depois secar como o orvalho da manhã, as gerações das plantas, dos animais e dos homens que se sucedem, e nossos milhões de vidas imperceptíveis, do homem ao mosquito, tudo isto nada mais é senão um fenômeno da grande evolução, arrastando todas as coisas em seu turbilhão sem fim (RECLUS, 2002, p. 21).

Notamos a influência ritteriana quando Reclus propõe essas conclusões, prova disso é que no início desse artigo, o geógrafo já manifesta seu respeito para Ritter acerca de uma das suas principais obras, o *Erdkunde*. A ideia-mãe que inspirava o ilustre autor de *Erdkunde*, quando ele redigia sozinho sua grande enciclopédia, o mais belo monumento geográfico dos séculos, é que a terra é o corpo da humanidade, e que o homem por sua vez é a alma da terra (RECLUS, 2015, p. 85-86). Então quando Reclus (2015, p. 86) cita que, “Tornado “a consciência da terra” o homem digno de sua missão assume por isso mesmo uma parte de responsabilidade na harmonia e na beleza da natureza circundante”, comprovamos a influência alemã nesse saber. Podemos entender essa responsabilidade como parte do progresso; para Reclus, dentre os “retrocessos” da relação Homem-Natureza, o desmatamento se apresenta como uma ruptura da harmonia da Natureza, esse tipo de perturbação causada pelas ações humanas, afeta o ambiente em diversas escalas. A superfície terrestre, desprovida das árvores que faziam sua beleza, é não só enfeada, ela também deve necessariamente empobrecer-se (RECLUS, 2015, p. 88).

O certo é que os desmatamentos perturbam a harmonia da natureza tornando o escoamento das águas mais desigual. A chuva, que os galhos entrelaçados das árvores deixavam cair gota a gota, e que ressumava lentamente por entre as folhas mortas e pelas radículas das raízes, escoava, doravante, com rapidez no solo para formar regatos temporários; em vez descer subterraneamente



para as profundezas e ressurgir como fontes fertilizantes, ela escorre de imediato pela superfície e vai-se perder nos riachos e rios (RECLUS, 2015, p. 89).

Para sintetizar, entedemos aqui que o Homem modifica a Natureza a fim de manter sua existência, ao mesmo tempo, também torna-se responsável pelas mais significativas mudanças na superfície terrestre. Quando Reclus propõe um compromisso moral com Natureza, o geógrafo entende o ser humano como responsável pela beleza da Terra, pois o Homem enquanto Natureza tomando consciência de si abrange as perspectivas de: interpretar as belezas naturais; não entender a Natureza enquanto recurso mas sim, como uma extensão de si; a grosso modo, preservar a Natureza seria preservar a si mesmo. Reclus enquanto geógrafo, propôs uma ciência que buscasse novas perspectivas para a relação Homem-Natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve o propósito de fazer uma reflexão sobre a influência alemã no geógrafo francês, Élisée Reclus. No século XIX, período em que Reclus viveu boa parte da vida, notamos que a ciência geográfica na França entendia a Natureza principalmente enquanto recurso natural, ou seja, de modo utilitarista. Todavia, apesar de francês Reclus redigiu alguns escritos que partiam de uma perspectiva diferente da francesa, o geógrafo propunha uma relação harmoniosa para a relação Homem-Natureza.

Para exprimir suas manifestações acerca dessa relação, Reclus se aproximou de estudos dos pensadores alemães, torna-se importante destacar aqui, a influência dos três pensadores: Kant, Humboldt e Ritter. Através das propostas desses estudiosos, Reclus conseguiu propor uma Geografia com princípios voltados a solidariedade entre o Homem e a Natureza, assim, utilizando a ciência geográfica como ferramenta para a edificação de novas propostas para essa relação.

REFERÊNCIAS

ALVES, F. D.; PICCOLI NETO, D. **O legado teórico-metodológico de Karl Ritter: contribuições para a sistematização da geografia.** Geo UERJ, v. 20, p. 48-63, 2009.

ANDRADE, Manuel Correia. **Atualidade do pensamento de Élisée Reclus.** In: ANDRADE, Manuel Correia. (org.) **Élisée Reclus.** São Paulo. Ática, 1985, p.7-37.



ANDRADE, Manuel Correia. **Geografia: Ciência da Sociedade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008. 246p.

BARRETO, Vitor Julio Gomes. **DA CONQUISTA DA NATUREZA À CONQUISTA DA TERRA: O IMPERIALISMO FRANCÊS A PARTIR DA GEOGRAFIA HUMANA DE PAUL VIDAL DE LA BLACHE E JEAN BRUNHES**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil, 2019.

CUBERO, J. **Apresentação**. In: Reclus, É. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*. São Paulo: Imaginário, 2002. p. 9-18.

DUARTE, R. H., **Natureza e sociedade, evolução e revolução: a geografia libertária de Élisée Reclus**. Revista Brasileira de História, São Paulo v. 26, p. 11-24, 2006.

FERRETTI, Federico. **Élisée Reclus: A Philosophy of Nature**. EHNE. Sorbonne Université, Paris, França, 2020.

FREITAS, Inês Aguiar. **A Geografia dos Naturalistas-Geógrafos no século das Luzes**. Tradutor: Erikson Medronho. Terra Brasilis, nº 6, 2004.

HUMBOLDT, A. V., **Quadros da Natureza I**, W. M. Jackson Inc. 1964.

LEITÃO, Joyce Oliveira. **O contexto histórico-filosófico da obra “Geografia Comparada” de Carl Ritter**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Campinas, 2017.

MONTELEONE, Joana Moraes. **Élisée Reclus, o geógrafo impressionista**. São paulo: Intermezzo/Edusp 2016 (Resenha).

MORAES, Antonio Carlos R. **Geografia. Pequena História Crítica**. 20ª Edição, São Paulo, 2005.



RECH, Roberto Carlos. **Os princípios da educação geográfica para Élisée Reclus: uma contribuição à história do pensamento geográfico.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2016.

RECLUS, Élisée. **El Hombre y la Tierra.** 6 Volumes. Barcelona: Maucci, 1906/1909.

RECLUS, Élisée. **Da ação humana na Geografia Física; Geografia comparada no espaço e no tempo.** São Paulo: Expressão e Arte; Editora Imaginário, 2010.

RECLUS, Élisée. **Do sentimento da natureza nas sociedades modernas e outros escritos.** São Paulo: Intermezzo: Edusp, 2015.

RIBAS, Alexandre Domingues; VITTE, Antonio Carlos. **O Curso de Geografia Física de Immanuel Kant (1724-1804): entre a Cosmologia e a Estética.** Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, Vol. XIV, nº 844, 2009.

SOARES NETA, Aparecida Fátima Carvalho. **Alexander Von Humboldt e a paisagem montanhosa uma contribuição a história da Geografia.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT. Cuiabá, 2020.

SPOSITO, Eliseu Saério; SOBREIRA, Antonio Elísio Garcia. **Élisée Reclus. Educação e natureza.** GEOGRAFIA (RIO CLARO. IMPRESSO), v. 42, p. 160-195, 2017.

VITTE, A. C; SPRINGER, Kalina Salaib. **O conceito romântico de humanidade e sua influência nas críticas de Alexander von Humboldt à colonização espanhola na América.** GEOTEXTOS (ONLINE), v. 13, p. 171-201, 2017.

WULF, Andrea. **A invenção da Natureza: a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt.** São Paulo: Critica, 2016.